



# **Dissolução | Conservação**

## **[a pintura megalítica da Beira Alta]**

Lara Bacelar Alves | CEAACP/FCT/UCoimbra





A Beira Alta guarda a maior concentração de pinturas em monumentos megalíticos do mundo, figurando no acervo testemunhos únicos na Pré-história europeia. A singularidade das composições e excelente preservação das pinturas do Dólmen de Antelas (Oliveira de Frades) ou da Orca dos Juncais (Vila Nova de Paiva) levou a que integrassem, desde a sua descoberta, os manuais de Arqueologia Pré-histórica Europeia como testemunhos únicos da expressão artística do Neolítico. Porém, estas delicadas manifestações foram sendo paulatinamente expostas aos elementos e, na actualidade, contempla-se um cenário dramático no que respeita ao seu estado de conservação na maioria dos monumentos.

Um labor de diagnóstico prévio *in loco* evidenciou a urgência de um estudo abrangente e circunstanciado do acervo regional. Procedeu-se a um exercício de comparação das composições pictóricas com os registos constantes num primeiro evantamento do conjunto publicado há quase 40 anos por E. Shee Twohig, o qual resultou na observação da ocorrência de um acentuado nível de degradação da pintura num número substancial de representações. Na famosa ‘cena de caça ao veado’ da Orca dos Juncais, cujo único registo gráfico data de 1934, as figuras do lado esquerdo do esteio, então documentados, são hoje praticamente invisíveis, tal como os cervídeos da laje de cabeceira que já apenas se revelam através de fotografia, com recurso a técnicas de manipulação digital de imagens, método este que também permitiu identificar *ex novo* motivos pintados em monumentos que haviam sido objecto de levantamento pelo método convencional de decalque em polivinilo.







O Dólmen de Antelas (Oliveira de Frades, Viseu) encerra o mais complexo e bem preservado conjunto de pinturas megalíticas conhecido até hoje. As imagens exibem duas das técnicas de execução presentes na câmara deste monumento. Em cima, foi utilizado pincel para traçar finas linhas na representação de um pente, artefacto que pontualmente surge no espólio funerário destes túmulos. Em cima, à direita, a linha em ziguezague conserva ainda o contorno perfeitamente definido do traço produzido por digitação (fotos: Lara Bacelar Alves 2019).



Foi neste sentido que se concebeu projecto “Arte, Arquitectura e Identidade Social no Neolítico. A Arte Megalítica no Norte de Portugal no contexto das grandes tradições artísticas de arte rupestre europeias: estudo, registo, conservação”. A investigação, em curso, tem como objectivo central a actualização do inventário da Arte Megalítica do norte-centro de Portugal, mediante a revisão e documentação do acervo existente com recurso a novas tecnologias de tratamento digital de imagens fotográficas, já experimentadas em realidades análogas. A actualização dos registos existentes permitirá avaliar o quanto se perdeu desde há cerca de quatro décadas. Será utilizada uma técnica de registo gráfico fotorealista com base em novos protocolos criados para o efeito e com o objectivo de servirem de quadro de referência para futuras acções de avaliação, monitorização e diagnóstico do estado de conservação das pinturas, assim como projectos de valorização patrimonial dos monumentos.

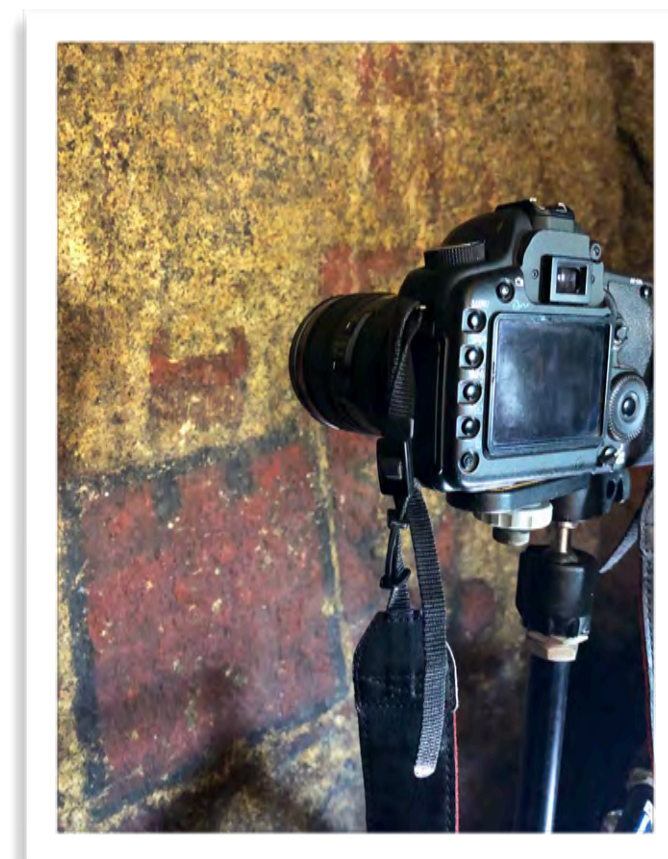
O estudo abrangerá a análise das técnicas de execução das pinturas, identificação de casos de sobreposição e da sequência de elaboração de motivos e composições pictóricas, da presença de pintura simples e/ou complexa e análise físico-química de pigmentos e suporte.

Com esta investigação procurar-se-á recuperar a visibilidade um dos temas clássicos da Arqueologia Pré-histórica portuguesa, apostando na sua divulgação no seio da comunidade científica, comunidades locais e público em geral. Sob um ponto de vista teórico pretende-se repensar os contextos socio-culturais, técnicos e simbólicos da arte megalítica e o seu enquadramento no devir das grandes tradições artísticas pré-históricas europeias.



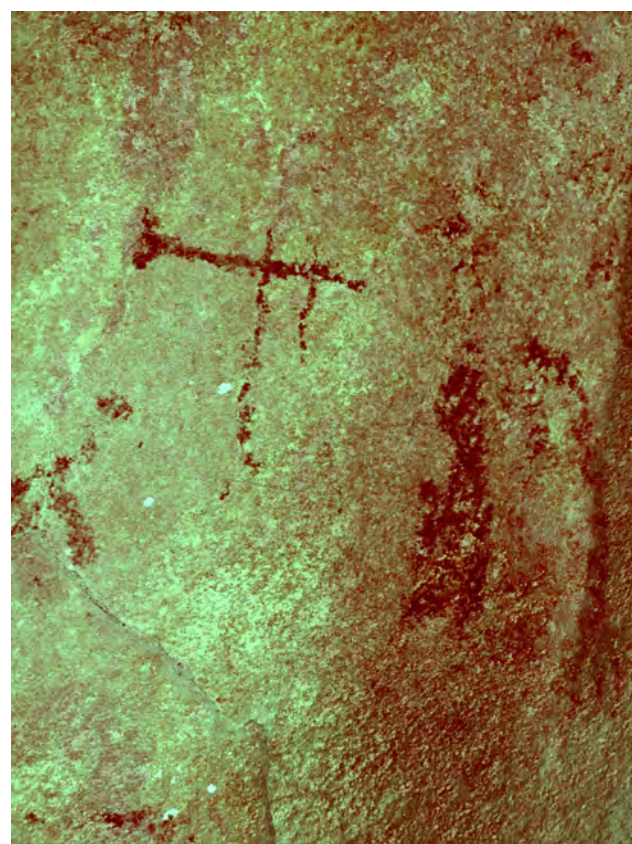
Orca do Picoto do Vasco (Vila Nova de Paiva, Viseu). A aplicação do plug-in D-Stretch do Image J criado por John Harman (<http://www.dstretch.com>) permitiu identificar um novo motivo, de feição antropomórfica, pintado a vermelho na câmara de um monumento que havia sido objecto de um registo integral das composições gravadas e pintadas (foto: L. Bacelar Alves 2015).





Dólmen de Antelas: Fotografia com luz artificial (em cima, à esquerda)e,e fotografia com luz polarizada e tratamento digital de saturação da matriz em GIMP (à esquerda, em baixo). Registo fotográfico do esteio de cabeceira (à direita) (fotos: Lara Bacelar Alves 2016).





Orca dos Juncais C2 - A representação do personagem central desta magnífica cena de caça ao veado, munido de arco com flecha, encontra-se actualmente muito delida sendo apenas bem perceptível em fotografia tratada digitalmente (em baixo, à esquerda) ou com D-Stretch (em baixo, à direita). Compare-se a fotografia original (em cima, à esquerda) com as demais e estas com o registo gráfico datado de 1934. Este mostra detalhes do arco e membros inferiores do antropomorfo que já não são visíveis (foto: Lara Bacelar Alves 2016).